

Hannah Arendt e Educação: analisando a produção acadêmica brasileira contemporânea sobre o tema

Cristina Misturini Satoⁱ 

Universidade de Salamanca, Salamanca, Comunidade Autônoma de Castela e Leão,
Espanha

Leticia Ribeiro dos Santosⁱⁱ 

Universidade de Salamanca, Salamanca, Comunidade Autônoma de Castela e Leão,
Espanha

Haroldo Tuyoshi Satoⁱⁱⁱ 

Universidade de Salamanca, Salamanca, Comunidade Autônoma de Castela e Leão,
Espanha

1

Resumo

O presente trabalho busca analisar artigos de autores brasileiros de produção recente que escreveram sobre as ideias sobre educação da filósofa Hannah Arendt. Escolhemos esta pensadora, pois sua análise sobre a Educação mostrou a importância de suas ideias para o debate de temas importantes como as relações da Educação para com a Política e a Ética. O critério de escolha para o desenvolvimento do presente estudo foi o de utilizar artigos de autores brasileiros, produzidos entre 2015 e 2017, que têm como tema as ideias de Hannah Arendt sobre a Educação. A pesquisa dos artigos se deu por meio da plataforma SCIELO - Scientific Electronic Library Online. Foram encontrados três artigos sobre as ideias educacionais de Hannah Arendt, produzidos em 2016. Analisamos, no âmbito deste estudo, os objetivos, os procedimentos, o local em que os procedimentos foram realizados, as análises e conclusões a que chegaram os autores dos artigos. Consideramos que o primeiro artigo analisado (AUGUSTO, 2016) enfatizou a ideia de Hannah Arendt sobre a independência entre os campos da Política e Educação, a partir de um relato de professora que defende a ideia freiriana de que a Educação possa ser reduzida à Política; já o segundo artigo (FONSECA, 2016), analisou a narrativa da autora em torno de sua experiência como supervisora de alunos que faziam estágio em Psicologia Educacional a partir de um caso relatado por eles em torno da questão das condutas éticas do professor, a partir das ideias da filósofa; enquanto o terceiro artigo (TASSARA; ABUDD, 2016) discutiu, a partir das reflexões da pensadora, se seria possível um professor ensinar aos alunos como analisar racionalmente um fato político, assim como repassar esta análise à sociedade, sem que haja vulgarização dos enunciados em ideias pré-lógicas. Concluímos que nos três artigos, os autores discutiram as relações entre educação, ética e política, a partir das considerações de Hannah Arendt, de forma significativa, o que auxilia os leitores na reflexão sobre este tema, no conturbado cenário social e educacional da atualidade.

Palavras-chave: Educação. Hannah Arendt. Política. Ética.

Hannah Arendt and Education: analyzing contemporary Brazilian Academic production about this theme

Abstract

The present work seeks to analyze articles by Brazilian authors of recent production who wrote about the ideas about education of the philosopher Hannah Arendt. We chose this thinker, because her analysis of Education showed the importance of her ideas for the debate of important topics such as the relationship between Education and Politics and Ethics. The criterion of choice for the development of this study was to use articles by Brazilian authors, produced between 2015 and 2017, which have Hannah Arendt's ideas on Education as their theme. The articles were researched using the Scielo = Scientific Electronic Library Online platform. Three articles were found on Hannah Arendt's educational ideas, produced in 2016. We analyzed, within the scope of this study, the objectives, the procedures, the place where the procedures were carried out, the analyzes and conclusions reached by the authors of the articles. We consider that the first article analyzed (AUGUSTO, 2016) emphasized Hannah Arendt's idea of independence between the fields of Politics and Education, based on a report by a professor who defends the Freirian idea that Education can be reduced to Politics; the second article (FONSECA, 2016), analyzed the author's narrative around her experience as a supervisor of students who were doing an internship in Educational Psychology from a case reported by them around the issue of the teacher's ethical conduct, from of the philosopher's ideas; while the third article (TASSARA; ABUDD, 2016) discussed, based on the reflections of the thinker, whether it would be possible for a teacher to teach students how to rationally analyze a political fact, as well as to pass this analysis on to society, without there is vulgarization of the statements in pre-logical ideas. We conclude that in the three articles, the authors discussed the relationship between education, ethics, and politics, based on Hannah Arendt's considerations, in a meaningful way, which helps readers in reflecting on this topic, in today's troubled social and educational scenario.

Keywords: Education. Hannah Arendt. Politics. Ethics.

1. Introdução

Hannah Arendt, filósofa alemã (1906-1975), foi uma das grandes figuras da filosofia do Século XX, tendo-nos deixado reflexões sobre seu próprio campo teórico, mas também em relação às áreas da política, cultura e educação (FREITAS, 2004). Foi aluna do famoso filósofo existencialista Martin Heidegger, pelo qual foi fortemente influenciada, principalmente em relação à noção de que o indivíduo está inexoravelmente relacionado ao mundo, concepção esta que também permeia suas reflexões educacionais.

Arendt também viveu, pessoalmente, os horrores do totalitarismo, tendo testemunhado a ascensão do nazismo em seu próprio país, além de também ser contemporânea do stalinismo, o que a fez refletir sobre o totalitarismo, reflexões estas publicadas em uma de suas obras principais, “As origens do totalitarismo” (ARENDR, 2012) no qual também analisa a educação no contexto destes regimes. Neste sentido, ela busca uma educação, de caráter democrático e humanista, que não favoreça o advento do totalitarismo, preocupação também de outros importantes filósofos alemães da Escola de Frankfurt, contemporâneos seus, Max Horkheimer e Theodor Adorno (1985).

Neste sentido, este artigo visa estudar os impactos recentes das ideias de Hannah Arendt sobre a produção científica nacional sobre a Educação. A hipótese levantada é de que as ideias da pensadora suscitam reflexões sobre a filosofia da educação, e de como esta é concebida e praticada em nosso país.

Justifica-se esta pesquisa, pelo fato de que as práticas educativas sempre se baseiam em uma filosofia educacional, então as discussões em torno das ideias de umas principais pensadoras contemporâneas, que busca dar aportes para a construção de um ensino democrático e humanista, são da maior importância.

A relevância da pesquisa está relacionada com o acompanhar da reflexão ética sobre a educação em autores brasileiros contemporâneos brasileiros, a partir das ideias da filósofa alemã.

Para tanto, analisamos, a produção científica sobre Hannah Arendt, entre os anos de 2015-2017, disponíveis na plataforma eletrônica SCIELO, Scientific Electronic Library Online. Foram localizados três artigos, todos do ano de 2016: “Ideia de futuro em política e educação: um diálogo com Arendt” de Mauricio Liberal Augusto (2016); “Sobre Hannah Arendt: ética e racionalidade na sociedade contemporânea” de Eda Terezinha de Oliveira Tassara e Neuza Abbud (2016) e “Eu não ando só: Hannah Arendt e o compromisso da educação”, de Paula Fontana Fonseca (2016).

Em seu artigo, Augusto (2016), traz como objetivo principal o de discutir a força significativa contida nas noções de futuro em política e educação, a partir do ensaio “A crise na educação” (1958), de Hannah Arendt, diferenciando os âmbitos da política e educação na vida humana. Já Fonseca (2016) parte do mesmo texto arendtiano,

com o objetivo de discutir a relação entre o eu e o mundo, a partir da afirmação da filósofa de que o educador assume uma responsabilidade pelo mundo frente à criança, ao apresentá-lo a esta. Já Tassara e Abbud (2016) têm como ponto de partida o texto de Arendt (1963-1964) “Eichmann em Jerusalém”¹, para discutir a possibilidade de superação dos obstáculos que impedem a reflexão verdadeiramente racional, a capacidade de abstrair de forma reflexiva e sua transformação em argumentação que possa ser propagada de forma esclarecida e esclarecedora ao corpo social.

4

2. Metodologia

Este artigo configura-se como uma pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica, também chamada de documental, busca a revisão bibliográfica de determinado tema, visando uma revisão e sistematização do conhecimento produzido na área (GUILHOTO, 2002).

Neste sentido, a presente pesquisa levantou a produção científica nacional, entre os anos de 20015-2017, que tem como tema as contribuições filosóficas de Hannah Arendt. Foi realizada pesquisa buscando localizar os estudos com esta temática, publicados neste intervalo de tempo, na base eletrônica SCIELO - Scientific Electronic Library Online, dado que esta base congrega boa parte da produção científica nacional. Os artigos localizados foram lidos de forma crítica, para que se pudesse realizar uma análise do seu conteúdo, ao mesmo tempo em que foram elencadas e problematizadas as contribuições significativas dos mesmos para o debate educacional contemporâneo, dentre os procedimentos típicos da pesquisa bibliográfica (GUILHOTO, 2002)

3. Discussões sobre as ideias educacionais de Hanna Arendt

¹ Neste livro, Arendt (2014) analisa o julgamento de Adolf Eichmann, nazista responsável pelo gerenciamento de câmeras de gás em campos de concentração. Eichmann foi sequestrado por agentes israelenses na Argentina, em 1961, levado a Jerusalém, onde foi julgado por seus crimes de guerra e executado.

Em termos dos procedimentos dos autores, Augusto (2016) parte de um depoimento de uma professora de História que se envolveu com a Educação Popular, para atuar no Brasil da Abertura Política dos fins dos anos 70, para discutir as fronteiras da educação e política, a partir das ideias de Arendt (1958) sobre Educação, contidas em seu ensaio “A crise na educação”. Fonseca (2016) parte do mesmo texto e de outro de Arendt “Algumas questões de filosofia moral”, para discutir a crise ética da modernidade e suas implicações em relação à educação, a partir de um exemplo retirado de sua prática de supervisora de alunos de psicologia que faziam estágio em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental da cidade de São Paulo.

Já Tassara e Abbud (2016) partem do texto de Arendt “Eichmann em Jerusalém”, para discutir a possibilidade de reflexão racional, de elaboração de uma argumentação esclarecida e esclarecedora a partir desta para o corpo social e a discussão e da possibilidade de “intervenções preceptorais emuladoras de atos reflexivos em situações de ensino formal” (TASSARA; ABBUD, 2016, p. 274), dialogando com vários autores como Majorana, Bachelard, Santos, Hegenberg, Piaget, Greco, Chiarotino, Widelband e Eco para estabelecer uma lógica argumentativa que permita chegar a conclusões elucidativas destas questões.

Augusto (2016) desenvolve seu argumento, a partir do depoimento de Abreu, professora envolvida em educação popular, no qual pretende mudar o mundo a partir do ensino e da frase de Paulo Freire de que “toda pedagogia é política e toda política é pedagógica” que, no limite, anulam a distinção entre política e educação. Augusto (2016) vai se contrapor a este pensamento, a partir de sua leitura de Arendt que, em seu pensamento, preserva a autonomia entre estas esferas da atividade humana, apesar de reconhecer que ambas se relacionam.

Augusto (2016) coloca que Arendt argumenta que a política, principalmente a totalitária, pretende utilizar a educação para a fabricação (poiesis) do homem novo que viva na sociedade controlada pelo poder político. Ao conceito de fabricação, segundo Augusto (2016), Arendt contrapõe o de natalidade, o qual deveria ser o essencial, dentro de uma concepção pluralista de educação. Para Arendt, de acordo com Augusto, preparar uma nova geração para um mundo novo significa acolher os jovens e dizer-lhes: isto é o mundo, ser novo no mundo e não para o mundo. Depara-

se assim com o processo da natalidade, concebendo a educação como sendo possível apenas se houver uma pessoa num processo de desenvolvimento e formação, pois as crianças são agentes transformadores. Portanto, as crianças não devem ser moldadas para desejados fins e sim deve-se conservar nelas o que já trazem naturalmente, ou seja, a curiosidade, e que esta seja estimulada, para que no futuro possam ser agentes inovadores no mundo. Sobre este assunto, Augusto (2016,) cita Arendt:

6

[...] exatamente em benefício daquilo que é novo e revolucionário em cada criança que é que a educação precisa ser conservadora, ela deve preservar esta novidade e introduzi-la como algo novo em um mundo velho, que por mais revolucionário que possa ser em suas ações, é sempre, do ponto de vista da geração seguinte, obsoleto, e rente à destruição. (ARENT, 1992, apud AUGUSTO, p.12)

Augusto ressalta que Arendt coloca que a atitude conservadora desta curiosidade, em educação, leva à possibilidade da renovação do mundo comum, que em política corresponderia a um novo nascimento do sujeito, agora livre da autoridade familiar e da instituição escolar. Ainda, segundo o autor, Arendt argumenta que os educadores não devem aspirar à construção de um novo homem que cria o novo mundo, pois isto significaria a tentação totalitária. Augusto aponta que Arendt argumenta que isto gera uma educação puramente técnica, que fabrica, através de meios, fins pretendidos, sem dar espaço à espontaneidade, à imprevisibilidade.

Augusto relata que Arendt nos diz que o totalitarismo significou uma falência dupla, tanto do pensamento político ocidental e da atividade política, que perde sua dignidade entre as atividades humanas, significando uma crise da tradição. Porém, o autor coloca que Arendt acredita que a tradição não é todo o passado, e que existem coisas no passado que podem ser redescobertas e apropriadas. Augusto refere que a filósofa realiza uma análise histórica-política em relação à Grécia pré-platônica e platônica, colocando que em Sócrates, ao invés de impor sua opinião (*doxa*) a alguém, procurou ouvir as opiniões do outro (*doxaí*), para alargar sua compreensão e a dos seus interlocutores, para o bem da cidade.

O autor considera que Arendt aponta que Sócrates possui uma compreensão da política como cuidado de si e da *polis*, um fim em si mesma. Augusto coloca que a pensadora tinha grande admiração pelo filósofo grego, que fora capaz de saber o que não devia fazer, assumindo sua posição, diferentemente de lacaios do totalitarismo, como Eichmann, que mandou milhões de judeus à morte por não ter esta compreensão.

7

Augusto revela que a filósofa se surpreende com o fato do maior discípulo de Sócrates, Platão, caminhar por uma via totalmente oposta do seu mestre, por defender o poder absoluto do rei-filósofo, aquele iluminado pelas ideias, sem dar espaço para o diálogo entre os cidadãos como a forma primordial da política. De acordo com o autor, Arendt aponta para que o filósofo grego substituiu a *práxis*, habitada pela liberdade, pluralidade e espontaneidade, pela fabricação (*poiesis*), da cidade pela ideia do bem que o rei-filósofo possui. Segundo o autor, Arendt aponta que, contra a liberdade da ação, que gera imprevisibilidade, Platão pretende fabricar uma cidade ideal, já predeterminada.

Augusto coloca que a filósofa argumenta que a educação é um princípio que se relaciona com o porvir. O autor refere que Arendt reconhece que a educação não pode prescindir da existência de currículo, objetivos e metas a se atingir, porém que as últimas não podem ser predeterminadas, devendo-se abrir espaço para a espontaneidade e a imprevisibilidade. O autor aponta para a indignação de Lefort (1999) para a recusa de uma educação humanista, na década de 70, na França, e para a admiração deste filósofo em relação à Florença renascentista, na qual se buscava, mais do que dominar certo lote de conhecimentos, estabelecer uma nova relação com o saber.

Augusto coloca que o gesto de Lefort tem em comum com a análise de Arendt (1992, p. 223) sobre a crise da educação, colocando que esta “nos obriga a voltar às questões mesmas, exigindo respostas novas ou velhas, mas de qualquer modo julgamentos diretos”. Isto aponta, segundo o autor, para a compreensão de Arendt sobre a dimensão política da educação.

Augusto coloca que Arendt vê na educação a responsabilidade de acolher uma singularidade recém-chegada, e através de um longo processo de formação,

fortalecer a promessa desse novo alguém. O autor argumenta que Arendt (1992, p. 247) vê entre uma das imprescindíveis tarefas da educação, o cultivo do *amor mundi*, isto é, que o recém-chegado deseje que o mundo perdure, assumindo sua responsabilidade por ele, “salvando-o da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e vinda dos novos e jovens”.

O autor coloca que Arendt vê, que para esta tarefa de cultivar o *amor mundi*, é necessário um professor que tenha apreço ao mundo, que aposte em sua continuidade por “meio do acolhimento dos novos em seu seio” (AUGUSTO, 2016, p. 885). Isto é, o autor refere que a filósofa argumenta que o educador deve assumir a responsabilidade sobre o mundo e sobre o ensino de um legado de tradições, ao mesmo tempo em que inicia os novos a este mundo, necessitando se esforçar para “preservar a novidade em potência que habita os novos, evitando o despotismo de inventar por si mesmo essa novidade” (AUGUSTO, 2016, p. 885), o que é, para o educador, “um desafio ético e político da mais alta relevância” (AUGUSTO, 2016, p. 886).

Em suma, Augusto, em seu texto, contrapõe as concepções que, em seu limite, fundem a educação e a política, como em Freire, às concepções de Arendt que preservam a autonomia destes dois âmbitos da atividade humana, colocando que a educação deve preservar a espontaneidade prática do discente, que é o que trará a renovação do mundo e da própria política, ao invés de ser controlada pela política, que pretende fabricar um novo homem para uma sociedade totalitária. A discussão principal do artigo é sobre a relação da política com a educação, mas percebe-se que o aspecto ético destes dois âmbitos é um fio condutor da discussão.

Fonseca (2016), em seu artigo, compartilha várias concepções de Arendt que Augusto também enfocou em seu estudo, pelo fato de ambos os autores terem tomado o texto arendtiano da “A crise na educação” como um dos deflagradores da discussão. Porém, apesar da autora discutir a relação da educação com a política, notamos que a sua principal preocupação é refletir sobre a relação entre educação e ética, a partir do ensaio de Arendt (2004), “Algumas questões da filosofia moral”.

Fonseca coloca a afirmação da filósofa, em “A crise na educação”, de que o educador, em face da criança, teria que assumir uma responsabilidade pelo mundo

ao dizer “isto é o mundo”. Para Arendt (1997, p. 62), de acordo com Fonseca, o mundo está associado com “artefato humano, com o produto de mãos humanas”, que já existe antes de nossa existência e irá continuar existindo. Arendt, segundo Fonseca, analisa o conceito de natalidade como relação de singularidade que cada um tem com o mundo, pois a cada nascimento o mundo se renova, concluindo que a natalidade é um nascer para o mundo. Fonseca coloca que para Arendt, não há o eu isolado e individual e sim o “ser junto aos outros e em sua preocupação de cuidar do mundo e preservá-lo” (PASSOS, 2013, p. 259).

Segundo Fonseca, em relação ao sistema nazista, Arendt analisa o comportamento dos vilões como pessoas que pensaram que agiam como bons funcionários e cumpriam as ordens a que eram submetidos, sendo apenas executores. Para ela, de acordo com a autora, a conduta moral não é algo natural. Arendt, segundo Fonseca, busca outros pensadores que abordaram o conceito de ética e que se interrogam sobre a suposição de que o homem possui uma espécie de voz interna que o permite diferenciar o certo do errado. Para Arendt (2004, p.131, apud FONSECA), Kant coloca que a conduta moral é consequência de um relacionamento do homem consigo mesmo: “O padrão não é nem o amor por algum próximo, nem o amor por si próprio, mas a respeito por si”, enquanto para Sócrates, “é melhor sofrer o mal do que o cometer” (ARENDR, 2004, p.136).

A autora argumenta que Arendt entende que Sócrates concebe a ética não como dever, mas em relação ao que seria preferível. Em relação a ética kantiana, Fonseca aponta que pensadora ressalta a ideia do filósofo de que a consciência ameaça com o desprezo de si mesmo. Fonseca aponta que, para a pensadora, “o maior mal não é radical, não possui raízes e, por não ter raízes, não tem limitações, pode chegar a extremos impensáveis e dominar o mundo todo” (ARENDR, 2004, p.160).

O artigo relata uma experiência de Fonseca, ocorrida em seu trabalho como supervisora de alunos de curso de Psicologia em escolas públicas. Ela a utiliza para debater a educação de acordo com o posicionamento de Arendt, o que lhe permite refletir sobre a articulação entre a ética e política.

Conta-nos Fonseca, no artigo, que ao supervisionar o estágio de graduação de alunos do curso de psicologia em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de São Paulo, seus estagiários trouxeram o seguinte relato: a escola realizou um passeio pago para um parque com os alunos. Fonseca continua sua narrativa, dizendo que, durante todo percurso os alunos foram fotografados. A autora acrescenta que, em outra ocasião a escola pediu para que os professores oferecessem as fotos para as crianças, que deveriam leva-las para casa e trazer o dinheiro, caso estivessem interessadas. A segunda opção seria, de acordo com Fonseca, devolver as fotos. O que ocorreu, segundo a autora, foi que algumas crianças levaram e pagaram as fotos, outras devolveram e inesperadamente, algumas levaram as fotos e não as pagaram.

Fonseca narra que uma professora manifestou, na reunião com os alunos de psicologia, seu incômodo com o fato de que os pais seriam um exemplo para as crianças de como poderiam se apropriar de algo que não lhe pertenciam. A autora coloca que, durante a reunião, o tema, agora sendo relacionado com o roubo, passa a ser discutido. Segundo Fonseca, surge outro relato, durante a discussão, de uma professora que se sentiu desconfortável com a situação, junto à direção, negando-se a entregar as fotos para os alunos por entender que a entrega de fotos aos alunos não era uma atividade pedagógica. A autora relata que a professora que se negou a entregar as fotos para as crianças, alertou para o fato de que os professores que conseguissem “vender” uma certa quantidade de fotos, ganhariam um relógio.

Fonseca, a partir dos argumentos de Arendt, analisa a questão da banalidade do mal que reside nesse fato. Para ela, esse exemplo nos mostra que não importa a natureza, a finalidade do ato do professor, o que contou na experiência foi que alguns professores executaram o trabalho solicitado pela diretora, sem conseguir refletir eticamente sobre a ordem dada. Fonseca aponta para o fato de que alguns professores, além de não conseguirem fazer uma reflexão ética sobre seus próprios atos, ainda acusaram os pais dos alunos de roubo. A autora argumenta que a única professora que conseguiu fazer uma reflexão crítica sobre a demanda da diretoria da escola sobre os professores, negou-se a concretizá-la, assim como Arendt (2004, p. 143) aponta para que “moralmente, as únicas pessoas confiáveis nos momentos de

crise e exceção, ‘quando as cartas estão sobre a mesa’, são aquelas que dizem ‘não posso’”.

A ação da professora, de acordo com Fonseca, nos permitiu analisar sua conduta ética. Para ilustrar ação da professora, a autora cita Carvalho (2002, P.166): [...] “a melhor forma de cultivar a transmissão dos valores democráticos e de participar da formação de cidadãos éticos é torna-los presente não só em palavras, mas em nossas ações como professores e profissionais de educação”.

Sendo assim, a autora discorre que os princípios, valores morais e éticos são ensinados como conteúdos didáticos, mas aponta para a suma importância desses valores serem exemplificados nas ações que se dão no terreno escolar. Neste sentido, o exemplo citado por Fonseca pode ilustrar um pensamento de Arendt (2004, p. 211) pois, de acordo com a pensadora, “julgamos e distinguimos o certo do errado por termos presentes em nosso espírito algum incidente e alguma pessoa, ausente no tempo ou no espaço, os quais se tornaram exemplos”. Fonseca aponta para o fato de que os professores que tentaram vender as fotos, não conseguiram refletir sobre a natureza de sua ação.

No final do artigo, Fonseca tece algumas considerações sobre a relação da política e a educação, colocando que, para Arendt (2004, p. 252), a “política tem como tarefa principal o cuidado com o mundo e não com os homens, pois visar o homem sem o mundo é uma contradição, na medida em que somos seres no e do mundo”.

Sendo assim, Fonseca nos mostra que a professora que não concordou com a ação solicitada pela diretora, assumiu a responsabilidade pelo mundo se posicionando perante todos a partir do seu julgamento do que considerava correto num ambiente educativo, numa atitude política.

Outro ponto relevante que Fonseca coloca, por meio de reflexão sobre as ideias de Arendt (2002, p. 103), está relacionado ao pensamento de Sócrates que aponta que “a razão pela qual não se deve matar, mesmo que ninguém esteja presenciando o crime, é que não desejamos estar junto de um assassino”. A autora relaciona essa ideia ao comportamento dos professores que fizeram bem o seu trabalho, vendendo as fotos e sendo compensados ganhando um relógio. Fonseca coloca que esses mesmos professores enxergaram o mau exemplo nos familiares que

ficaram com as fotos sem pagar. Sendo assim, a autora faz uma indagação, que tanto os familiares quanto os professores também estariam sendo trapaceiros, oportunistas, tirando vantagens veladas.

Para Arendt (1958, p.242), de acordo com Fonseca, o conservadorismo é a essência da ação educativa, na tarefa de proteger “a criança contra o mundo, o mundo contra a criança, o novo contra o velho, o velho contra o novo”. Nesse sentido, coloca a autora, para Arendt a educação deverá ser conservadora, mesmo que se dê lugar ao novo, deve-se possibilitar que o velho seja renovado e não apenas descartado.

Portanto, Fonseca refere que Arendt postula que a educação seria pré-política, devido à assimetria da relação professor-aluno, enquanto uma relação política seria simétrica. Neste sentido, a autora diz que Arendt argumenta que a responsabilidade do professor é a de introduzir as crianças no mundo e ainda assim, possibilitar que o mundo seja renovado por meio do nascimento desses novos atores da cena humana. Fonseca cita Carvalho (2014, p. 821, grifos do autor), sob a questão da responsabilidade do professor:

Assumir a responsabilidade pelo processo de iniciação de seus alunos nessa herança pública de práticas, linguagens e saberes que uma comunidade política – ou sociedade – escolheu preservar por meio de transmissão escolar. Apossar-se dela significa criar laços de pertencimento a um *mundo comum* e desenvolver *qualidades* e talentos por meio dos quais cada novo ser que vem ao mundo pode revelar sua singular *unicidade* (Carvalho, 2014, p.821).

Em suma, Fonseca mostra a imbricação da ética com a educação, no qual o professor deverá ter sempre crítica e reflexão sobre seus próprios atos e atitudes, assim como educação e ética revelam a postura política do professor, que não deverá cuidar dos discentes como iguais, atuando de forma pré-política para com eles, ao mesmo tempo em que deverá assumir o compromisso político frente a seus pares e para com o mundo.

Já no texto de Tassara e Abbud (2016), as autoras partem da postura de Hannah Arendt frente ao julgamento de Eichmann, colocando que ela aponta para o fracasso da Corte de Jerusalém em relação a este. As autoras citam Telles (2013), que aponta para o fato de que Arendt não tomou partido emocional neste julgamento,

mas apontou, racionalmente, para as suas incongruências e inconsistências. Tassara e Abudd argumentam que Telles coloca que a filósofa alemã, diante da irracionalidade do totalitarismo, aponta para a necessidade de combatê-lo com a racionalidade, sendo isto um dado central do seu pensamento.

As autoras colocam que Arendt considera que a referida Corte falhou em três tópicos principais, em sua predefinição sobre o que é Justiça, sobre a sua definição de Crime contra a Humanidade e sobre o perfil deste tipo de criminoso, dado que Eichmann, como burocrata que era, nunca percebeu, de verdade, o que estava fazendo, banalizando o mal, em sua junção da burocracia com as forças destrutivas do nazismo.

Em sua obra “Eichmann em Jerusalém”, Arendt (2014), segundo as autoras, coloca que o pensador deve expor suas análises e reflexões comprometido em esclarecê-las às multidões, para que estas tenham um efeito intenso. Tassara e Abudd (2016, p. 274) partem destas reflexões de Arendt, para realizar as próprias, nas quais focam sobre como superar os obstáculos que se antepõem à possibilidade de pensar de forma racional e as “condições que circunscrevem e limitam a sua propagação esclarecida e esclarecedora ao corpo social”. Segundo Tassara e Abudd (2016, p. 274), há “um crescimento na complexidade lógica do pensamento coloquial verbalizado, de outro, percebe-se uma ausência de competência nas operações intelectuais de análise dos processos racionais a ela subjacentes”.

As autoras colocam que, apesar da crescente sofisticação do pensamento lógico, este sofre uma naturalização quando repassado para a sociedade, como representação social (MOSCOVICI, 1961), eivando-se de irracionalidades, ideologias e racionalizações acríticas.

Tassara e Abudd (2016, p. 274) partem de indagações anteriores, que persistem na atualidade, advindas de sua prática docente, nas quais se indagaram se seriam possíveis “intervenções preceptorais emuladoras de atos reflexivos em situações de ensino formal”. Para isso as autoras colocam que seria necessário repassar aos discentes “o *zeitgeist* da criação científica, porque ensinar significa transmitir experiências, em comunicar os elos sociais dos quais somos depositários” (TASSARA; ABUDD, 2016, p.274).

As autoras chegam à conclusão de que a ciência se edificou sobre a linguagem lógico/matemática, a partir da lógica aristotélica. Neste sentido, colocam Tassara e Abudd, a aplicação desta lógica aos problemas cotidianos configuraria num verdadeiro avanço da racionalidade, porém, apontam para a tendência majoritária das pessoas de naturalizarem as implicações lógico-matemáticas, transformando-as em conteúdos semânticos, portanto, representações sociais de caráter ideológico. Para contrapor-se a esta tendência, Tassara e Abudd (2016, p. 279) colocam que:

14

Para garantir esta desnaturalização, seria necessária uma meta-abstração, o que significaria a compreensão das relações forma-conteúdo, sintaxe-semântica, lógica-linguagem-pensamento, levando-as à possibilidade de reestruturação metódica da demonstração, esta sim passível de aprendizagem, embora dependente de um sofisticado processo de comunicação, mas, ainda assim, possível.

Tassara e Abudd (2016, p. 279) chegam à conclusão de que é possível ensinar a meta-abstração que preserva a racionalidade da naturalização do pensamento lógico-matemático, apontando para uma pedagogia emuladora deste tipo de pensamento, que poderia ter como base a epistemologia genética de Jean Piaget:

Contudo, a imbricação entre ideias, análises, métodos e teorias – conforme esboçado ao longo do traçado histórico aqui apresentado na evolução do conhecimento teórico-científico – fortalece enfaticamente as teses defendidas pela Epistemologia Genética (Piaget, 1967) como definidoras de uma condição necessária para a configuração do pensamento competente, autêntico e original, na norma teórico-científica para sua produção – a necessária hermenêutica filológica do processo de construção histórica do conhecimento lógico-matemático.

Respondida, ainda que parcialmente, a questão da possibilidade do docente suscitar no discente um pensamento verdadeiramente racional, Tassara e Abudd (2016, p. 279) se voltam para a questão da socialização do pensamento racional, colocado por Arendt em “Eichmann em Jerusalém”, ao qual chegam à seguinte conclusão: “Sob tal perspectiva, sustenta-se a conclusão de que a condição necessária para o uso competente, livre e ético da racionalidade está circunscrita à repertórios dependentes de procedimentos socializadores específicos, sustentadores da crítica lógica propriamente dita”.

As autoras concluem o artigo apontando para o elevado grau da consciência ética de Arendt, que socializa o seu pensamento racional para o bem comum, em sua obra citada.

4. Considerações finais

15

Os três artigos recentes sobre as ideias educacionais de Hannah Arendt fazem diferentes interlocuções com outros autores e campos do saber. O artigo de Augusto (2016), faz uma interlocução de Arendt com Freire e a Educação Popular, através do depoimento de uma professora. Nesta interlocução, Augusto aponta para a originalidade do pensamento de Arendt, que coloca a necessária autonomia da Educação frente à Política, opondo-se à politização de Freire e do marxismo em relação ao âmbito educacional. Arendt confronta-se, segundo o autor, de forma ainda mais veemente para com as concepções de Educação de regimes totalitários, que querem educar um novo homem para um novo mundo, instrumentalizando a Educação. O autor, seguindo o pensamento de Arendt, coloca a importância da não politização da relação pedagógica, para que o professor possa dar oportunidade para uma moratória do discente frente à política, relação que deverá ser retomada assim que o discente se tornar adulto. Por outro lado, o educador deverá assumir responsabilidade pelo mundo, para podê-lo apresentar ao discente, responsabilidade que só poderá existir se o professor tiver amor a este mundo.

O segundo artigo, de Fonseca (2016) parte da relação entre Ética e Educação, de acordo com as ideias de Arendt, apontando para a postura ética do professor para com os alunos e seus pares, baseada na capacidade de reflexão e julgamento do professor, para depois colocar a delicada relação da Política com a Educação, que um educador que pretenda ser ético deve considerar.

O terceiro artigo, de Tassara e Abbud (2016), parte da reflexão em relação à capacidade de Arendt de realizar uma reflexão verdadeiramente racional em relação ao julgamento de Eichmann em Jerusalém, além de conseguir comunicar esta reflexão ao grande público. Neste sentido, as autoras colocam quais seriam as condições para que a reflexão racional e a comunicação esclarecida e esclarecedora

desta atinja a população, chegando à conclusão de que isto é possível devido ao exemplo de Arendt, assim como é possível a que o educador possa estimular o educando a refletir racionalmente, a partir de considerações que levam em conta também o ponto de vista da Epistemologia Genética de Jean Piaget.

Todos os artigos demonstram, ao nosso ver, a importância das reflexões de Arendt sobre a Educação, Ética e Política, num momento em que a banalidade do mal, as posturas antiéticas e politicamente autoritárias estão em ascensão no Brasil e no mundo.

16

Referências

ABREU, M. Escrevendo filmes. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, ano 4, n. 41, p. 98, fev. 2009.

ARENDDT, H. Algumas questões de filosofia moral. In: ARENDT, H. **Responsabilidade e julgamento**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

ARENDDT, H. (1963-1964) **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ARENDDT, H. Filosofia e política. In: ARENDT, H. **A dignidade da política**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ARENDDT, H. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia de bolso, 2012.

AUGUSTO, M. L. Ideia de futuro em política e educação: um diálogo com Arendt. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: v.46, n.161 p.870-894, jul. /Set. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v46n161/1980-5314-cp-46-161-00870.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2017.

CARVALHO, J. S. Podem a ética e a cidadania serem ensinadas? **Pro-posições**. Campinas, v. 13, n. 3, p. 157-168, 2002. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643944>. Acesso em: 13 jun. 2017.

CARVALHO, J. S. Política e educação em Hannah Arendt: distinções, relações e tensões. **Educação e sociedade**. Campinas, v. 35, n. 128, p. 813-828, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302014000300813&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 13 jun. 2017.

FONSECA, P. F. Eu não ando só: Hannah Arendt e o compromisso da educação. **Psicologia USP**. São Paulo: v. 27, n. 3, p. 503-509, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v27n3/1678-5177-pusp-27-03-00503.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2017.

FREITAS, B. P. Hannah Arendt: uma vida vivida na unidade entre pensamento e ação por amor ao mundo. In **Cadernos Zigmunt Baumann**. São Luís: v. 4, n. 7, 2014. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/2192>. Acesso em: 21 abr. 2021.

GUILHOTO, Lúcia de Fátima Martins. **O uso da internet como ferramenta para oferta diferenciada de serviços a clientes corporativos**: um estudo exploratório no setor de telecomunicações. 2002. Dissertação (Mestrado em Administração). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-31012006-204249/pt-br.php>. Acesso em: 21 abr. 2021.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LEFORT, C. **Formação e autoridade**: a educação humanista. São Paulo: Discurso, 1999.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image e son public**: étude sur le représentation sociale de la psychanalyse.

PASSOS, F. A. Uma análise acerca da relação entre filosofia, política e mundo em Hannah Arendt. In CARVALHO, M.; FIGUEIREDO, V. **Filosofia contemporânea**. São Paulo: ANPOF, 2013.

TASSARA, E. T. O., ABBUD, N. Sobre Hannah Arendt: ética e racionalidade na sociedade contemporânea. **Psicologia USP**. São Paulo: v.27, n.02, p.273-281, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v27n2/1678-5177-pusp-27-02-00273.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2017.

TELLES, S. Hannah Arendt e a maior das aventuras, a intelectual. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, Caderno 2, 24 ago. 2014.

ⁱ **Cristina Misturini Sato**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4315-8954>

Universidade de Salamanca

Faculdade Wladimir dos Santos – Wlisan.

Doutoranda e Mestre em Ciências pela Universidade de Salamanca, Especialista em Gestão Educacional - Organização Escolar e Trabalho Pedagógico pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Pedagoga pela Universidade Católica de Santos.

Contribuição de autoria: análise dos artigos e escrita do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9731772270046083>

E-mail: misturinicris@gmail.com

ⁱⁱ **Leticia Ribeiro dos Santos**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9045-5417> .

Universidade de Salamanca

Rede Pública de Ensino da Prefeitura de São José, Santa Catarina.

Doutoranda e mestre em Ciências Sociais pela Universidade de Salamanca; Especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci; Graduada em Pedagogia pela Faculdade Municipal de Palhoça.

Contribuição de autoria: análise dos artigos e escrita do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8315764458926675>

E-mail: lelribeirodosantos@gmail.com

ⁱⁱⁱ **Haroldo Tuyoshi Sato**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2559-619X>

Universidade de Salamanca

Universidade de São Paulo.

Graduação em Psicologia, Mestrado e Doutorado em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo, Pós-Doutorando em Antropologia pela Universidade de Salamanca, atua como Psicólogo Judiciário no Tribunal de Justiça de São Paulo.

Contribuição de autoria: análise dos artigos e escrita do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4167387760585414>

E-mail: haroldo.sato@uol.com.br

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

SATO, Cristina Misturini; SANTOS, Leticia Ribeiro dos; SATO, Haroldo Tuyoshi. Hannah Arendt e Educação: analisando a produção acadêmica brasileira contemporânea sobre o tema. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 2, 2021.